

# Transmissão psicanalítica: (re) edificações sobre a personalidade<sup>1</sup>

Alceu Roberto Casseb<sup>2</sup>

**Resumo:** Este ensaio procura evidenciar a importância do objeto psicanalítico no processo de formação da identidade psicanalítica. Os temas levantados para discussão emergem da experiência com a participação nos diferentes modos de transmissão tendo em vista as aquisições internas do analista em formação, mais do que discutir os modelos institucionais de formação. O presente estudo destaca algumas ideias publicadas (1990) em uma jornada acerca do Objeto Psicanalítico na SBPSP. Isolando aspirações psíquicas, o estudo busca assinalar alguns dos fatores que compõem a escolha/decisão que resulta das afinidades (Goethe) e das eleições (Mann). Propõe ainda que haja um processo de autoavaliação contínua como revitalizante da função clínica, entendida como essência do objeto psicanalítico. Levanta a questão de que o *homem político psicanalítico* é o engajado nos processos de transmissão através do cuidado com a formação do objeto psicanalítico, assim diferenciando o *aprendiz de feiticeiro* do *aprendiz de feitiços*.

**Palavras-chave:** Formação psicanalítica. Mundo interno do analista. Objeto psicanalítico.

*“It is only when we forget all  
our learning that we begin to know”<sup>3</sup>.*  
Thoreau (2000)

---

1 Trabalho apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 12 de março de 2015, tendo como comentador Luiz Tenório de Oliveira Lima sob a coordenação de Maria Lucia Ferrão de Sousa Campos.

2 Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP.

3 “É apenas quando esquecemos o que aprendemos é que começamos a saber”.

## I – Introdução

Neste sucinto ensaio, procurarei deter-me no exame de alguns aspectos que envolvem a transmissão em psicanálise e sua relação com o objeto psicanalítico. Prefiro utilizar a noção de transmissão à noção de didática por considerar a complexidade de fatores envolvidos neste processo<sup>4</sup>. Penso que a transmissão difere do didático, pois, como assinala Ferreira (1977), didático implica em *instruir*, que no New Oxford American Dictionary indica ainda de *didaktikos* “com intenção de ensinar particularmente com instrução moral”.

Sabemos que as aquisições do domínio intelecto-racional são de menor valia para a transmissão psicanalítica. Parto do princípio de que, quando estamos na função de transmissor, estamos fazendo (re)edificações sobre estruturas<sup>5</sup> de personalidade pré-existentes. Considero então que funcionamos como (re)construtores em busca de edificações sobre o existente. Cito Freud (1937) para nortear a noção de construção que pretendo utilizar, considerando a busca da validação da verdade histórica: “[...] Qual é, então, a tarefa? Sua (do analista) tarefa é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*” (Ênfase do original) (p. 293).

Há muito o que estudar nesta área. Procurarei discutir algumas nuances da minha experiência e assim convidar ao debate para intercâmbio de ideias. Este estudo iniciou-se com um seminário livre do Instituto de Psicanálise da SBPSP sobre Transmissão em 2002. Formamos uma espécie de grupo de estudos que terminou com um pequeno e incompleto trabalho publicado no Jornal de Psicanálise em 2006. O seminário sobre Transmissão convidou diferentes professores para investigar os processos de transmissão. História da arte, ensino de línguas,

---

4 Por processo, refiro-me às propostas dinâmicas contidas na Teoria das transformações que Bion (1984) aplicou à clínica e que pode ser útil para o processo de transmissão:

$[T\alpha \rightarrow T\beta]n \rightarrow \infty$ ; ou seja, cada passo da transmissão inicia-se de um ponto já tendo sofrido transformações ( $T\alpha$ ), esta sofre influências ( $\rightarrow$ ) que dá origem a outra transformação ( $T\beta$ ); cada passo que se repete ( $n$ ) acrescenta algo, e este quando tem êxito é um processo infinito ( $\rightarrow \infty$ ).

5 Aqui, trato *estrutura* como penso que é tratada na *Teoria estrutural matemática*, que procura equacionar dilemas ligados à filosofia da matemática, ou seja, na mesma direção em que Paul Benacerraf propõe estudar um objeto matemático como a ontologia, estudo do ser, faz. Relações que indiquem o discriminado e o embasamento do que pode vir a ser objeto de uso, o propositor só nomeia o objeto quando o utilizador o verifica e aceita, forma-se o objeto de verdade em matemática. Benacerraf publicou em 1965 um tratado intitulado *O que os números não poderiam ser* e participou em um simpósio com o trabalho *Mathematical truth* em 1973.

de literatura, estudos de metapsicologia, enfim as mais diferentes áreas foram convidadas a vir debater conosco. Decidimos seguir com um estudo apoiado no método qualitativo para investigar o primeiro relatório. Não nos propúnhamos a estudar o autor, mas a publicação e a existência de elementos que indicassem os movimentos relacionados ao Processo de Transmissão Psicanalítica. Queríamos construir um diagrama que pudesse indicar quando houve e quando não houve um movimento relatado pelo autor que seria validado pelo grupo. Nosso estudo (Casseb, *et al.*, 2006) sem dúvida aproxima-se metodologicamente do que hoje está denominado de *working party*. Minha intenção, ao montar esse grupo, era oferecer um espaço para os membros associados que desejassem vir a ser professores, ou seja, investigar em maior profundidade sua possível tarefa de vir a ser parte da Transmissão como coordenador de seminário. Ter instrumental com a formação de grupo de trabalho.

Os Processos de Transmissão em Psicanálise deveriam convergir para uma finalidade comum: a clínica. Sem dúvida, a prática clínica é essencial para o entendimento das metáforas, dos modelos e das teorias que encontramos no jargão psicanalítico das teorias, assim como nas artes e na epistemologia. Quem não passou por apuros, satisfações e questionamentos em clínica tem um entendimento parcial do que é a psicanálise. Assim sendo, a Função Clínica é o fundamento da Transmissão em psicanálise e sua renovação funciona como fonte de sustentação do analista clínico.

Quem se propõe a *transmitir*, geralmente busca renovação de sua própria Função Clínica, por isso analisa, escreve, coordena seminários, dispõe-se a fins de semana de cursos e supervisões, muitas vezes com viagens longas, vindo a trabalhar para e no *establishment* psicanalítico, sempre realimentando sua verdadeira tarefa *política*. O ser político psicanalítico é o analista que se envolve com a Transmissão. Ao buscar o vértice científico, o analista, em função da Transmissão, amplia a apreensão dos fenômenos psíquicos e pode apropriar-se dos fatores que dão forma à Função Clínica. Pode participar tanto em termos de catalisar *processos criativos* com os caminhos do uso das teorias, como também auxiliar a constituição de um instrumental técnico/metodológico capaz de lidar com a atividade clínica.

O que mais observo nos aprendizes é uma progressiva avidez por contato com experiência digerida que possa vir a lhes ser útil. Esta avidez geralmente auxilia a sustentar a idealização da instituição psicanalítica, muitas vezes auxiliando o aprendiz a suportar as dificuldades da inexperiência: *depois da formação poderei me sentir um analista mais preparado*. Enquanto que a desidealização sana deveria ser resultado dos Processos de Transmissão, mais do que consequências do cotidiano institucional.

Tenho tido o privilégio de ter contato com diferentes solicitações de Transmissão. Participando com a (1) coordenação de seminários na SBPSP, com pedido de (2) análise no meu consultório, com (3) supervisões e discussões de caso, e com (4) atividades organizadas por grupos do dito *interior*. Essa experiência contrasta com os grupos que também tenho tido o privilégio de conhecer em outros países, onde (5) coordenei seminários, discuti material clínico e comentei vários trabalhos escritos como tarefa voluntária e não remunerada do ILAP<sup>6</sup>. Os candidatos do ILAP são pessoas que desejam *adquirir capacitação clínica* distinta e próxima da que *observaram* na oferta das instituições da FEPAL, e assim virem a construir um lugar de interlocução para que possam sentir-se em um *albergue*<sup>7</sup> protegido para o crescimento em clínica. Por que precisamos de uma instituição? Todos os psicanalistas sabem que para virmos a ser psicanalista clínico precisamos deter-nos também nos aspectos perturbadores, em um trabalho pessoal, contínuo e dinâmico com as nossas *ansiedades*, como bem disse Edna O’Shaughnessy no *trailer* do filme *Encounter through generations* que discuti recentemente (Casseb, 2014) na Sociedade. Perguntada sobre o que é necessário para vir a ser um analista, disse: “You have to know yourself, don’t you? And we can never really know ourselves enough... Bion once said: “If you’ve got no stomach for anxiety,” he told us in a seminar of ours, “you are in the wrong profession”. So there is something standing anxiety”<sup>8</sup>.

Não pretendo discutir os diferentes modelos de formação, mas o processo de apropriação do Objeto Psicanalítico que ocorre quando o Processo de Transmissão Psicanalítica acontece. Cabe apenas salientar o quarto pé da Formação que se refere à importância e à influência do eixo institucional. Para mim, esta contribuição grupal é essencial e fica evidente quando lidamos com candidatos que não têm uma Sociedade, como ocorre com os candidatos do ILAP. Convivendo com eles, sentimos a angústia da falta deste *albergue*, principalmente do entusiasmo pela busca de *mestre* Eleito dentro de *Afinidades*<sup>9</sup>. A figura do Mestre Eleito, o

---

6 Instituto Latino Americano de Psicanálise.

7 Do dicionário Aurélio Buarque (1977): 1- hospedaria (do mesmo prefixo *hosp*: hospital, hospício), 2- Lugar em que se recolhe alguém por caridade; 3- Refúgio, abrigo, resguardo.

8 “Você tem que se conhecer. E nunca realmente nos conhecemos o suficiente [...]. Uma vez disse Bion: “Se você não tem estômago para ansiedade”, nos disse em um seminário, “você está na profissão errada”. Assim, é algo que tem a ver com suportar ansiedade. (Minha versão para português).

9 Eleito refere-se à noção da eleição contidas no romance de Thomas Mann *O eleito* (1972) que citarei ao longo deste trabalho, da mesma forma que *Afinidades*, é relativo ao conteúdo retirado do romance de Goethe *As afinidades eletivas* (1993).

feiticeiro no “Aprendiz” (Aulagnier, 1992), determina muito dos caminhos que podem ou não viabilizar o Processo de Transmissão que visa à clínica. A pluralidade de escolas e de vértices de observação é sem dúvida uma oportunidade de ampliação para o Processo de Transmissão. Destacarei, a seguir, nuances de três situações que tenho me envolvido nos Processos de Transmissão Psicanalítica.

*You prepare the ground so that  
a lucky accident can happen<sup>10</sup>.  
Lumet (1995)*

### *1 – As questões da falta do albergue psicanalítico*

Vejam, por exemplo, alguns fatores que observei no contexto específico do ILAP, em que não há uma pluralidade de objetos constituída.

Os colegas latino-americanos sem Sociedade de psicanálise, por meio do ILAP, fazem sua formação circunscrita a um grupo. Há pouca ou nenhuma convivência com outros grupos. São candidatos que, em geral, fazem análise com o mesmo analista, com um mesmo supervisor e assistem aos seminários sempre juntos, e sempre com os mesmos pares durante toda a formação. São grupos que se constituem sem a presença mantida de seus *mestres eleitos*. Muito diferente da história de São Paulo e a imigração de Adelheid Koch. Diferem da história da formação das sociedades, pois, o analista didata no ILAP não se propõe a imigrar; seu compromisso é somente permanecer por curtos períodos oferecendo análise concentrada. Os seminários de teoria são ministrados por professores de diferentes países, alguns virtuais e a maioria presencial. Devo destacar que sabemos que a formação destes candidatos é extremamente complexa e o ILAP tem um projeto de pesquisa em andamento para estudar os Processos de Transmissão e a formação da identidade psicanalítica. Sem dúvida, um tema muito delicado e polêmico. O grupo de candidatos do ILAP é convidado a aceitar o analista que se dispôs a deslocar-se até sua cidade. Em geral, dispõem-se para análise sem conhecer se existem Afinidades e sem ter feito uma Eleição. Em muitos casos, observa-se que o candidato vai se haver com uma possível *batalha* acerca da investigação indireta do Objeto Psicanalítico do analista em função didática. Quando o embate é por uma *hegemonia* do Objeto Psicanalítico, não se evidenciam encontros analíticos, nem se pode qualificar de resistências algumas das diferentes reações

---

10 “Prepara-se o terreno para que um acidente de sorte possa ocorrer” minha versão livre para o português).

adversas ao processo. São desencontros que indicam diferenças que dificilmente conseguem vir a ser assimiladas. Convivendo com estes candidatos, em função de Transmissão, pude notar que alguns estavam em intensa luta para aceitar a proposta de Objeto do Analista atual, outros simplesmente toleram a análise como um processo *curricular obrigatório*, outros ainda simplesmente desistem da Formação. Algumas desistências ocorrem sem desligamento institucional; observamos somente que se desligam por postergarem indefinidamente o início da supervisão. O Objeto Psicanalítico útil para a clínica não se conforma, em seu lugar observa-se a formação de uma prática intelectualizada pseudoapoiada em um grande autor. Tornam-se terapeutas em busca de erudição envoltos em *maneirismos do contemporâneo* que não despertam trabalho analítico, mas subtraem a fertilidade das *descobertas* da clínica. Os colegas sofrem porque desenvolvem uma crítica que não permite criatividade, ou seja, uma retórica e volta para o modelo acadêmico da *psicanálise show* em que os paralelos da cultura tornam-se mais importantes que a clínica. Acabam colecionando decepções e queixas mais do que de realizações clínicas, o que induz a propor *novos* modelos para a *Formação* e para os Processos de *Transmissão*. Não se pode saber onde estes grupos vão parar, mas podemos sentir muitas das dificuldades que as instituições psicanalíticas apresentam, talvez desde sua origem. Falta a convivência apaixonada dos que desejam propagar seu Objeto, pois estes prestam um enorme serviço à Formação muitas vezes sem o saber, com a generosidade de ofertar sua episteme apaixonada promovendo comparação das diferentes concepções do Objeto Psicanalítico. Volto a insistir que, para serem úteis na Transmissão Psicanalítica, essas diversas concepções do Objeto Psicanalítico precisam ser enraizadas na clínica para conformar um eixo central do Objeto. Os candidatos do ILAP se ressentem dessa dimensão dada pela pluralidade, e nós da SBPSP, que a temos em abundância, nem sempre a aproveitamos.

## 2 – As idealizações

Com os grupos *do interior* ocorrem também fenômenos interessantes que levantam questões sobre Transmissão. Em geral são grupos de terapeutas em *processo de formação para a clínica*. Em geral flertam com a psicanálise pela mão de colegas mais experientes, frequentemente membros de uma Sociedade Psicanalítica que leva para sua cidade seu desejo de possuir um grupo para interlocução. É daí que emana o convite para um candidato a *mestre Eleito* (O Feiticeiro para o aprendiz). O analista *estrangeiro* que é convidado deve chegar com as credenciais de uma autoridade, espécie de *atração-show* para a Transmissão. Espera-se que o

convidado possa vir a corroborar a posição do líder (ou líderes) e injetar energia através de suas paixões, de forma a dar andamento aos processos de Transmissão. Além de ser uma *atração*, o convidado tem a tarefa de auxiliar a formar um *al-bergue* que viabilize a continuidade da Transmissão, com o cuidado de não tomar para si a propriedade do grupo. Com frequência, o líder (ou os líderes) local espera que o analista convidado auxilie na validação de seu Objeto Psicanalítico que nem sempre é discriminado. O convidado deve ter bastante flexibilidade e tolerância com diferenças para conseguir participar desses processos. Quando estes recursos são escassos, há o risco de desencontros entre as concepções dos Objetos Psicanalíticos. Quando esses desencontros não promovem enriquecimento pela pluralidade, teremos possivelmente uma progressiva exacerbação de confrontos<sup>11</sup>. O convidado pode vir a ser tratado como antitransmissor e ser excluído, de forma a tornar sua visita um fiasco e um motivo para ataques antiobjeto do convidado que os frustrou. Por outro lado, se o convidado tiver êxito e atrair o interesse dos aprendizes, pode ser capturado em jogos de sedução onde invariavelmente irá sofrer uma canibalização. O Processo de Transmissão deve ser sempre considerado em cada movimento de aceitação ou recusa de tarefas no *establishment* psicanalítico.

### 3 – As projeções

O processo de escolha dos coordenadores que os membros afiliados (aprendizes) em Formação na SBPSP fazem merece atenção, pois aponta fatores contidos no Processo de Transmissão. Além da questão da *aprovação prévia* do coordenador, algo que transita nas *conversas de corredor*, existem os *traumas* das experiências com os coordenadores que frustraram expectativas e, por vezes ficaram estigmatizados. Evidentemente, a escolha vai muito além do conteúdo do seminário, tornando a solicitação muito mais ampla do que apenas vir a ser o braço teórico da Formação.

---

11 “We shall crush you down to the point from which there is no coming back. Things will happen to you from which you could not recover, if you lived a thousand years. Never again will you be capable of ordinary human feeling. Everything will be dead inside you. Never again will you be capable of Love, or friendship, or joy of living, or laughter, or curiosity, or courage, or integrity. You will be hollow. We shall squeeze you empty, and then we shall fill you with ourselves” (Orwell, 2014). “Vamos te esmagar até que não haja volta. Vai-te acontecer de tudo sem chance para te recuperar, mesmo que vivesses mil anos. Nunca mais vais ser capaz de sentir-te humano. Tudo vai estar morto dentro de ti. Nunca mais vais ser capaz de amar, ou de amizade, ou da alegria de viver, ou do rir fácil, ou das curiosidades, ou coragens, ou da integridade. Tu serás oco. Vamos espremer-te até esvaziar-te, e então nós vamos encher-te de nós mesmos” minha versão para o português).

Uma situação que tenho visto com certa frequência ocorre quando o membro afiliado deseja que o coordenador venha a funcionar como uma espécie de antidepressivo ou *atenuador continente* dos desencontros e frustrações que em geral se apresentam como expressão das desidealizações. Nesta situação, torna-se evidente que o Processo de Transmissão é também o da experiência oriunda na análise pessoal. Cada ciclo de aquisições psíquicas é resultado da absorção (metabolização) progressiva do Objeto do *Mestre*.

Antes de tudo, o Objeto oferecido pelo coordenador de seminário tem que apresentar um grande trânsito no senso ético. Seduzir candidatos para um grupo, desrespeitar o trabalho de outros colegas, ser induzido a fazer coro com críticas levianas podem desconstruir um Processo de Transmissão, apesar de poder facilitar a aglutinação narcísica e assim ter uma *boa* aceitação do grupo para viabilizar a formação de um seminário. As solicitações desviantes do Processo são muito mais agudas quando o membro afiliado está desapontado com sua(s) escolha(s) (analista, supervisor, coordenador de seminário, colegas, interfaces com a diretoria etc.). Os que me procuraram para falar sobre seus desencontros temiam procurar ajuda na diretoria do instituto, não por questões ligadas ao secretário daquele momento, mas pela proximidade quase que instantânea e cotidiana que o seminário cria. Na vigência dos *desapontamentos*, a aceitação do *coordenador de seminário* é facilitada quando as *Afinidades* são parelhas, exatamente como propôs Goethe em seu romance, utilizando as descobertas da química da época. A influência do professor deveria fazer-se presente em um plano quase que circunscrito ao senso comum como matriz para realizá-lo em plano psicanalítico. Quando o ambiente do aprender na troca de experiências, ou seja, o senso comum no Processo de Transmissão, não é minimamente restituído, em geral o grupo todo é convocado a interagir. A qualidade de vir a conter desvios de colocações infelizes, quer de um aprendiz quer do próprio coordenador, pode determinar ou não a restituição do ambiente para o aprender. Na vigência de falta de sintonia fina com a atmosfera emocional do grupo, o processo de construção de um Grupo de Trabalho torna-se mais difícil. Algumas vezes, a projeção sobre o coordenador é tão intensa que discussões *quase desrespeitosas* ocorrem durante o seminário, ou tornam-se argumentos para a desclassificação do colega. Quando presenciei esses fatos, pude notar que se tratava de validar, confrontar ou subjugar o Objeto Psicanalítico em (trans)formação, ou em alguns casos a desconstrução de Objetos prévios que são postos em questionamento em função das novas indagações geradas pela Transmissão.

Aproveitando a crítica sobre a robotização dos Processos de Transmissão que Aulagnier e Berliner (1992) fizeram e que foram objeto da chamada para traba-

lhos sobre formação para o Jornal de Psicanálise no ano passado, formulo algumas questões que procuram correlacionar as identificações com suas Eleições e Afinidades na formação do Objeto Psicanalítico. Neste tema, algumas questões se impõem: Qual a qualidade e abrangência ética das influências da pessoa do *Mestre-Feiticeiro* nos caminhos do *aprendiz*? O que aprendemos: um vir a ser *feiticeiro* ou a reproduzir *feitiços*? Qual o papel da identificação para promover subsídios *para* a Clínica Psicanalítica? A Transmissão requer *que* a transdisciplinaridade valide a Psicanálise? Deve-se colocar ênfase na relação *com* a Psicanálise da *instituição* (tradição Freud-Klein-Bion)? E, portanto, com a utilização do superego institucional? É mandatório que a atividade científica deve priorizar *a* clínica dentro do funcionamento do ideal institucional? Ou devemos retalhar o currículo, criando uma *livre escolha* geral para que se chegue a *uma Psicanálise Pós-moderna*? Os artigos e preposições gramaticais sublinhados indicam uma possibilidade de estudar as *pré-posições* das diretrizes políticas contidas na Formação Psicanalítica, assim como visualizar de qual matéria<sup>12</sup> está sendo feito o Processo de Transmissão. Quando estamos na função de transmissor é mandatório nos perguntarmos: O que fazemos com estas *pré-posições*?

## II - Os Processos Identificatórios e a Transmissão

“[...] em toda parte só se  
aprende com quem se gosta”.  
Goethe (1993)

Tomando como fato a necessidade de construir o Objeto Psicanalítico durante o Processo de Transmissão que ocorre durante a chamada Formação, as eleições são os moduladores deste objeto. A Formação como processo maior deve auxiliar as eleições na *fundamentação* do Objeto, deve trazer o caráter deste estar em *construção dinâmica e contínua* que viabilize a emergência da identidade psicanalítica. Para ocorrer trabalho analítico, o cerne do objeto precisa ser o clínico; sendo assim, o processo pode ser acompanhado pela qualidade da escuta e o consequente uso das teorias (preconcepções – Bion, 1962) que o candidato deve apresentar nos encontros grupais. Pensando no candidato que realmente busca Formação, considero que o Objeto Psicanalítico bem discriminado no analista Eleito é o fator importante para estabelecer as Afinidades com o Objeto Psicana-

---

12 Lembrando que, para Segal, quando a psicanálise é feita de uma matéria indestrutível (Casseb, 2014).

lítico do candidato que esta em (trans) formação. Considero que as partes duras da personalidade estão também contidas neste Objeto, portanto vão também balizar os invariantes<sup>13</sup> de cada um nas simetrias da dupla – Afinidades – e, se possível, do grupo ao gerar um sentimento de pertinência e *proteção*. Gostaria de destacar ainda que alguma identidade psicanalítica mais robusta só é alcançada quando esta etapa é passageira.

### *1- Alguns aspectos do processo identificatório*

No texto *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914) avança no seu interesse sobre as relações de objeto e, portanto, acende uma luz para o fenômeno identificatório. A adverbiação deste fenômeno que sucedeu as observações freudianas acrescentou ao substantivo feminino – identificação – (Ferreira, 1977) um caráter também de verbo (ação), tornando o estudo deste movimento psíquico ainda mais complexo. Identificamo-nos de muitas maneiras e intensidades: projetivamente, primariamente, adesivamente, bidimensionalmente, entre outros. Com funções diversas como: comunicar, evacuar, imitar, vir a introjetar, ter, canibalizar etc. Ao adentrar em um processo de identificação, o indivíduo fez uma espécie de *Eleição*. Essa Eleição tem pouca substância do Sistema Consciente, além do movimento inicial do investimento em direção ao outro, ou seja, fora do próprio Eu. A identificação, inicialmente, é um fenômeno do Eu mesmo a mim mesmo (*my self to myself*) que expressa e age a necessidade pelo outro. Esse outro Eleito, tomado como protótipo, permite que o Eu possa buscar preencher as faltas de instrumentação: o que o Eu não sabe fazer, pensar ou enfrentar, o Eu vai se apoiar no Eu daquele Eleito que *sabe* como fazer, como *pensar* ou como *enfrentar*. Quando esse processo é eficaz, rapidamente transforma o Eleito em uma figura indispensável induzindo a imitação, a incorporação e até mesmo a completa subjugação ao ideal do Eu do Eleito.

É frequente observarmos um colega com maneirismos e vícios de expressão tomados do *mestre*, quase imitações que nos remetem a seus modelos eleitos. Inquestionavelmente são expressões das Eleições. Parecem procurar perpetuar a presença do Eleito em um incorporar por duplicidade. Fazendo como o *mestre*, cria-se a sensação de se ser ou estar com o *mestre*. Em um Processo de Transmissão indica o desejo de se apropriar do modelo eleito. Este fenômeno de grupo segue o que descreveu Freud (1921) quando discutiu a dinâmica da sustentação

---

13 Invariantes: conceito utilizado por Bion (1965) que indica o que é em essência preservado mesmo frente à experiência catastrófica.

de grupos através das vicissitudes do Ideal do Ego. Tomar emprestadas algumas características do *mestre* admirado também é uma forma de dar conta da necessidade de ser escutado como o *mestre* é sentido ser no âmbito institucional. A magia de tornar-se o outro ocupa o lugar de um substancial vir a ser. O fato existe por si só, tanto no meio psicanalítico como em qualquer instituição que tenha relações de poder e/ou vínculos filiais e, portanto, necessidade de ascensão através da conquista do lugar do Eleito.

Muitas questões circundam este fato apontando para o desconforto que o fenômeno gera: Estes fatos seriam resíduos dos processos transferências enraizados e *mal resolvidos*? Indicariam, portanto, identificações parciais que perpetuam estados regressivos? Poderia ser uma tentativa de preenchimento do Eu aceitável, medido e reprovado pelo Ideal do Eu? Poderíamos pensar que, para alguns, esta atitude automática tem a ver com uma tentativa do Eu para vir a lidar com o domínio do superego institucional? São sempre idiosincrasias pseudoreligiosas? Refletiriam falta de análise ou o não término desta? Poderiam ainda indicar etapas prévias do processo de canibalização do Objeto Eleito?

## 2- Identificação ↔ idealização

Apoiar-se em uma identidade estabelecida é essencial para qualquer pessoa que não disponibilizou suas Experiências para o exercício da autoridade. As identificações são essenciais para a edificação<sup>14</sup> de um objeto interno que promova novas funções. As novas edificações precisam guardar estreita relação com o *self* do aprendiz. Sabemos de Freud que as identificações primárias é que dão os contornos iniciais do caráter do indivíduo. Klein apontou que precisamos de recipientes identificados para nos livrarmos do que não toleramos e assim poderemos suportar os impactos da frustração. Bion fala em processos de comunicação rudimentar através das Identificações (Projetivas), os primórdios do pensar. A identificação assemelha-se ao tijolo que edifica, carrega um princípio, que indica a importância do Eleito como sendo essencial para a vida, quer para sustentar-se com defesas, quer para ampliações do universo psíquico. Goethe nos convida a pensar este assunto utilizando-se da literatura. Em 1809, publicou uma trama de adultério intitulada *Wahlverwandschaften* que foi traduzido para o português

14 Associações de Moradores de uma praia do litoral norte de São Paulo são contrárias à construção na orla marítima que descaracterize a atmosfera florestal. Não desejam edifícios que desfigurem a visão do contexto original da combinação praia-floresta. Alegam que a descaracterização do contraste com o verde irá não apenas espantar as baleias e outros animais, mas trará prejuízos irrecuperáveis para o todo que aquele *habitat* necessita e representa.

como *Afinidades Eletivas*, mas que ao pé da letra quer dizer *Escolha relacionada às ovelhas*. Pesquisando o termo alemão *verwandtschaft*, encontra-se uma tradução que vai de *parentesco* até *ovelhas domadas* ou *domesticadas*. Tais noções estão contidas nos primeiros movimentos das identificações secundárias. Afinidade química é uma lei que indica que quando dois elementos combinados de forma estável são colocados em contato e, por terem maior *afinidade*, ocorre uma indução onde cada um dos elementos que estavam unidos, venham a se separar e fazer nova combinação. Encontro no texto de Goethe um paralelo com o dilema filosófico entre *escolha e decisão*, tema presente em Aristóteles<sup>15</sup>, que rastreia o fenômeno da *Escolha* como algo que diríamos hoje ser mais consciente, e que não abrange as operações psíquicas que levam à *Decisão*, indicando ser este um mergulho no não consciente.

A Transmissão Psicanalítica que auxilia a promover a Identidade Psicanalítica requer que as Eleições (*escolha*↔*decisão*) sejam apoiadas na captação que o aprendiz faz de como o Eleito maneja e trata seu Objeto Psicanalítico. Obviamente, esta não pode ser uma única premissa. Além das Afinidades, outros fatores estão envolvidos nesse processo. O Objeto composto sobre os invariantes da personalidade são componentes importantes para a modulação proveniente da experiência com o negativo. As Afinidades nos impelem a buscar familiaridade (*ovelha domesticada*), no sentido da aquisição de alguma homeostase psíquica.

Na Transmissão Psicanalítica isto é essencial, pois, mais que um *alívio* na tensão das angústias clínicas, deve permitir a ampliação da confiança no Eu e, assim, um melhor uso da intuição, desobstruindo a ação clínica da necessidade de atender ao superego institucional permitindo a eclosão do novo, de uma autoria própria. Estando com fé em si mesmo (confiança), o aprendiz sente que pode ficar desacompanhado do mestre. Seu estar só é um estar consigo mesmo para o manejo com as dificuldades clínicas. Diferente dos estados de ausência do outro que pode gerar solidão e/ou intolerância ao próprio Eu esvaziado (Casseb, 1999).

Diferentemente do que comumente se observa, o manejo com esta instância (*identificação*↔*idealização*) requer um distanciamento crítico da satisfação feita da *admiração*<sup>16</sup> em quase *endeusamento*. Um olhar a contento que permita um ingresso na própria identidade e assim em uma esfera do Eu mais integrada. O trabalho com os invariantes pode trazer um período de sofrimento. Para a construção da identidade, é necessário que o trabalho com estes – os negativos

---

15 Aristóteles. *Ética a Nicomaco, Livro III*. Disponível em: <[http://www.4shared.com/office/ZiGoDons/ARISTOTELES -Ética\\_a\\_nicomaco.htm](http://www.4shared.com/office/ZiGoDons/ARISTOTELES-%E9tica_a_nicomaco.htm)>.

16 Pensando *Admiração* em hipérbole que gera *Fascinação*.

vivenciados como *desilusão* – venha a desencadear um salutar luto e o desenvolvimento de um senso crítico. O pensar criticamente capacita e encorpa o Eu por prescindir da imitação e assim pode gerar uma liberdade que faculta investir suas próprias ações ao transferir a essência do investimento que era para o Eleito para a Clínica. É somente através da Clínica que as outras modalidades de Transmissão Psicanalítica podem acontecer.

### 3 - Construções do setting interno

Vivemos tempos de aceleração e superficialização da informação, da busca pela *performance* instantânea, da globalização enquanto padronização e da falta de liberdade para a crítica. Obviamente isto tudo respinga também nos Processos de Transmissão. Muitas vezes, a avidez pela aquisição do saber, dos *feitiços*, faz emergir uma voracidade que dificulta os processos. Pulando etapas e abreviando a sedimentação de personalidade, o aprendiz edifica-se precariamente, cria uma espécie de desnutrição psíquica.

Vou fazer uso de um modelo em pediatria que pode ser ilustrativo para a desnutrição: uma desnutrição tipo *Kwashiorkor*<sup>17</sup> que silenciosamente se instala, gerando aparente robustez, mas sem estrutura de sustentação. A ilusão proveniente de uma relação idealizada constrói fantasmas que minam a individualidade, custando caro ao aprendiz e, posteriormente, à própria instituição. Kenberg escreveu também sobre isso quando publicou seu trabalho intitulado *Os trinta métodos para destruir a criatividade dos candidatos a psicanalistas* (1996). Em situações em que ocorre Transmissão Psicanalítica, as frustrações, as decepções e o reconhecimento das qualidades humanas negativas são partes importantes do processo, como já afirmei acima. Para mim, esse trabalho com essa vivência negativa é que vai dar a base de onde se constitui o *setting* interno. Vejo que este equipamento imprescindível para a Clínica tem pouco a ver com as teorias pré-estabelecidas e sim com o manejo das próprias concepções.

É desta plataforma que se lança para o aprendiz a sua busca por ter seu próprio Objeto Psicanalítico. A Análise do Analista é o regente desse processo. Vai assistir ao processo de supervisão, vai mediar a flexibilidade da personalidade do aprendiz na construção de seu referencial teórico e certamente acompanha o aprendiz quando as propostas dos diferentes Objetos são inti-

---

17 Desnutrição – importante decorrente de erro alimentar, onde há um excesso de carboidratos e marcante insuficiência de proteínas, gerando crianças arredondadas que parecem saudáveis, mas são muito frágeis.

mamente conflitivas. Acrescentamos a isso o estudo sistemático de autores e as perturbações oriundas das interfaces da Formação com a instituição, além, é claro, das desapontadoras incursões que emergem do trabalho com os próprios pares. A necessidade de uma prévia confiança na própria personalidade é mister, e nem sempre este é um tema considerado quando da admissão do aprendiz. O *setting* interno, como ambiente existencial do Objeto Psicanalítico, é uma construção que precisa ser oscilatória para ser devidamente moldada pela experiência negativa; caso contrário, pode conformar-se em ser um ambiente das imitações, expressão incontestada da falência do Processo de Transmissão.

#### *4 - Identificação e a análise do analista*

Como já foi dito, a Transmissão no método *aprendiz de feiticeiro* é um instrumento poderoso, pode facilmente ser usado para estabelecer estados de subordinação e/ou submissão às Afinidades. A análise do analista tem um papel central neste processo. Este eixo central da Transmissão gera um gradiente que vai da indiferença, forma extrema de ódio, segundo Freud (1914), ao endeusamento, fruto das idealizações sustentadas e da evitação do trabalho com as perturbações originadas na personalidade do *mestre*. Por se ocupar das extensões psíquicas em plano sensitivo<sup>18</sup>, mítico e das paixões (Bion, 1963), pois iluminam o Objeto Psicanalítico, o analista do aprendiz dispõe de ricos e perigosos instrumentos de domínio. Quando elucida o Objeto Psicanalítico, o aprendiz sente que sua análise está operando favoravelmente e isso gera aproximação ao seu analista, ao trabalho clínico e também aos *assuntos* ligados à Psicanálise. Por outro lado, quando isso não ocorre por qualquer razão e ao mesmo tempo sustenta-se uma relação analítica complacente (Briton, 1991), desenvolvem-se processos defensivos contra a frustração de não vir a ter um Objeto. O aprendiz não sente segurança e são criados diversos entraves para a ampliação do Processo de Transmissão. Como o aprendiz salvaguarda sua análise como um processo burocrático, espécie de matéria obrigatória de uma pós-graduação, o rombo em sua formação poderá eventualmente vir a ser reparado em futura reanálise.

A Transmissão Psicanalítica origina-se do eixo criado a partir da análise pessoal e por isso mesmo é indispensável em todas as etapas da Formação. Os elementos que irão compor o Objeto Psicanalítico para a clínica são consti-

---

18 Prefiro esta tradução – sensitivo - no mesmo contexto do rico texto de Eigen (2004).

tuídos num vai e vem onde ora se é escutado, ora se escuta. A metabolização progressiva deste processo ocorre apenas quando da constituição verdadeira de parceria. O modelo central desta parceria ocorre na análise do aprendiz, por semelhança ou aversão.

Um momento importante que merece ser mais detidamente estudado é o ingresso na Sociedade. O deixar de ser *oficialmente aprendiz*. Em minha opinião, é desejável que este outro passo no processo de Formação ocorra com um delineamento do Objeto Psicanalítico próprio do aprendiz. Que ao entrar para a Sociedade, o analista possa buscar discriminação e a apropriação de seu Objeto mais livre das idealizações e integrado a suas identificações. Para isso, algumas edificações precisam ser sentidas. Dentre as aquisições essenciais relativas à constituição deste Objeto, posso citar algumas a título de ilustração:

a) a superação do trabalho com a idealização e o objeto libidinizante. A desidealização segue como um roteiro importante, pois pode respaldar posturas que expressam uma posição mais modesta, que é um fator importante para suportar a nova condição de não aluno e sim de membro associado; posição que, em geral, é tratada como estando em um limbo institucional;

b) a constituição de relações profundas, que é o antídoto para deslocamentos das relações edípicas;

c) o trabalho com os *destinos* da transferência, tanto no sentido das identificações, como com a tendência de prolongar estados regressivos que facilitam imitações e aglutinam escolhas escolásticas prolongando relações de subordinação indefinidamente.

A instituição tem, neste sentido, um valor inestimável. Na vida institucional, somos confrontados com nossas *public actions*, ações que nos refletem. Muitas vezes, estamos no meio de questões geracionais que não nos pertencem, que parecem sem propósito, e que em geral adentramos sem um conhecimento de causa. Em um primeiro momento, esses confrontos parecem indicar interesses políticos pequenos ou antigas e históricas intrigas entre grupos, mas para o Processo de Transmissão são uma oportunidade de vir a se apropriar verdadeiramente de seu Objeto, catalizando o luto das *transferências* que foram vividas com o (s) mestre (s). Quando esse processo é demasiadamente intenso, a reanálise é mandatória como parte da retomada do Processo de Transmissão ou para dar corpo ao desejo de vir a sentir-se capacitado para transmitir.

### III – Objeto Psicanalítico e a Transmissão

*A man's world is and always has been  
a figment of the imagination<sup>19</sup>[...].  
Bion (1991)*

Em 20 de outubro de 1990, tivemos na SBPSP uma jornada sobre Objeto Psicanalítico. Alguns colegas foram convidados a apresentar suas considerações sobre o polêmico tema. Apresento minhas considerações sobre a diversidade de aspectos que alguns colegas abordaram sobre o tema de forma a dar uma ideia da pluralidade e heterogeneidade existente dentro de nossa instituição o que, sem dúvida, deveria ser excelente para a Formação Psicanalítica. Encontrei duas vertentes principais. Uma que prioriza o método e define como Objeto Psicanalítico uma das premissas de trabalho proposto por Freud. E uma segunda que prioriza as expansões ou extensões da mente como digestão da condensada citação de Bion em *Elementos de psicanálise* (1963).

#### *1- Método e Objeto Psicanalítico*

Para Herrmann (1990), o Objeto Psicanalítico é aquele que deve ser pesquisado pelo método psicanalítico. Afirma que este método é o Método Interpretativo, destaca que a emoção apesar de ser observável através do discurso não é o Objeto da Psicanálise, afirma, sim, que é a lógica das emoções mediada pelo desejo que constitui o Objeto, ou seja, a emoção operada pelo inconsciente. Hermann critica energicamente o que denominou de *positivismo místico* o qual, a seu ver, indaga se existiria um objeto físico sem qualidade física, um objeto-observável que é ao mesmo tempo não observável e que atrai os não iniciados para que um dia recebam a iluminação semelhante àquela almejada do seu idealizado guru. Define enfaticamente que, no seu entender, o Objeto é o desejo inconsciente. Decorre disto que a análise se processa, para Hermann, como uma sequência altamente produtiva de encontros-desencontros, onde o domínio do analista é de *prototeorias* que possibilitam alternativas para a realização dos desejos inconscientes.

---

19 “O mundo do homem é e sempre foi um fingimento da imaginação”. Verti *figment* por fingimento no sentido que Casares dá à vivência de Jean Pierre Maurey vive no romance de Casares – A invenção de Morel; principalmente a relação que desenvolve com a mulher misteriosa.

Baptista (2000) discorre no mesmo plano epistemológico. Partindo de um pressuposto também metodológico organiza seu argumento, escrevendo: “Cada autor ou escola sente-se no direito de entender um conceito psicanalítico segundo seus interesses escolásticos, sem qualquer necessidade de explicar por que estão mudando o sentido de um conceito quando, na verdade, estão adaptando-os aos interesses de sua teoria” (p. 111). Assim também Hermann utiliza seu texto para desconstruir as bases de seus opositores mais do que para embasar sua proposta ou localizar o que existe de comum. Localizando seu argumento desconstrutivo dentro das propostas de Descartes, enumera as possibilidades metodológicas deste autor: dedutivo, indutivo e anagógico<sup>20</sup>. Agregou a noção de método anagógico ao das *revelações religiosas de Santo Agostinho*, e assim direcionou sua crítica a outra proposta epistemológica. Fazendo uma discussão que procura situar seu argumento entre técnica, método e objeto, assim como tangenciando a noção de objetivo em ciência e nas artes, conclui que o Objeto Psicanalítico é a transferência, que é criada nas sessões a partir do método interpretativo diacrônico, ou seja, a partir da evolução histórica de sua linguística.

## 2 - As extensões e o Objeto Psicanalítico

Na mesma época, Braga (1991) publicou suas considerações sobre o Objeto Psicanalítico. Embasando seu argumento no plano do trabalho com a emoção, e assim divergindo de Hermann, abordou o tema no que denominou de face místico-estética: “[...] abordando-o (o objeto) na condição própria dos mitos, aos conceitos sem um referente reconhecível e às memórias revisitadas” (p. 486).

Para ele, o Objeto é virtual, realiza-se no meio criado pelo encontro de duas mentes, na dimensão do onírico e só é possível vislumbrá-lo quando aprisionado pela experiência emocional da dupla. Nesta publicação, Braga segue à risca a proposta condensada e contida no terceiro capítulo de *Elementos de psicanálise*, ou seja, o Objeto deve advir da extensão sensitiva, mítica e das paixões, como citei acima. Para isso, apresenta interessante vinheta clínica que ilustra cada uma das *extensões*. Utiliza parte de seu argumento para conduzir o leitor à apreensão do Objeto Psicanalítico como sendo este, e não encontrei citação da possibilidade de conformação de outros objetos.

Com a mesma proposta epistêmica, Mattos (1995) apresentou no Congresso Nacional de Recife um trabalho intitulado *Do soma para o psíquico: em busca do objeto psicanalítico*. Neste trabalho, assim como Braga, discorre minuciosamente

---

20 Que revela estados de êxtases, místico (Ferreira, 1977).

sobre o ângulo de escolha da conformação de seu Objeto, ocupando-se do desenvolvimento que, para ele, vai do soma para o psíquico. Resume seu amplo espectro de argumentos na direção do que entende ser as *extensões das três perspectivas*: “[...] se a função da psicanálise, como preconiza Freud, é tornar consciente o inconsciente, ou dito de outra forma: “onde haja Id seja Ego”, eu penso ser o fato selecionado, através da experiência emocional que o caracteriza [aqui cita Tálamo<sup>21</sup>] o vínculo que integra e aproxima os diferentes objetos ou elementos psicanalíticos [...]” (p. 10).

As duas propostas têm algo em comum e precisam ser estudadas em um ambiente científico. Devem deixar de embasar bandeiras político partidárias, pois isto tem levado ao desinteresse institucional e à perda da discussão científica.

### *3- Objeto psicanalítico oriundo do fazer<sup>22</sup> psicanalítico*

#### 3.1 - O. P. e a atividade analítica

A diferença entre uma conversa amistosa e verdadeira e um trabalho psicanalítico reside no fato de que o analista dispõe, ou deveria dispor, de um conhecimento vivencial sobre seu Objeto de ofício. É apenas com a disponibilização deste objeto para o paciente que pode acontecer análise. É esse o diferencial que identifica o psicanalista e é, ao mesmo tempo, o elemento catalisador do encontro na direção de formar relação. A apropriação do seu Objeto Psicanalítico é o que define o analista, e é através da recriação deste Objeto que o analista se alimenta para manter-se no desgastante ofício. Enquanto houver a necessidade de *afirmar* as características do Objeto, o analista ainda está envolto nos processos iniciais da Transmissão ou organizou-se para outras atividades que não o fazer psicanalítico, ou seja, a clínica.

#### 3.2 - O. P. e os seminários teóricos

Quando o tema em pauta é associado aos seminários teóricos, o Objeto Psicanalítico precisa estar em uso o tempo todo pelo coordenador, portanto precisa ser

---

21 Segundo Mattos, Parthenope Bion Tálamo disse: “Eu penso que é importante assinalar que Bion parece sustentar que esta oscilação permeada com emoção existe na base de todo pensamento humano. Eu gostaria de concluir dizendo simplesmente que isto foi, eu penso, uma das primeiras tentativas de Bion de fazer o objeto psicanalítico, a emoção, surgir realmente viva no presente aqui e agora [...]”.

22 Fazer no sentido de prática, artesanato, ofício, ocupação, envolvimento.

também objeto de discriminação meticulosa. As *ações psicanalíticas* do coordenador são frequentemente tomadas como equivalentes das intervenções do analista didata. Fora desse contexto, o coordenador pode incrementar significativamente o jogo de projeções dos aprendizes e os *misunderstandings* oriundos dos desencontros podem obstruir o Processo de Formação. O Objeto Psicanalítico é primeiramente demonstrado pelas ações sobre as situações corriqueiras mais do que no brilhantismo erudito ou na criatividade da evocação de modelos. A tarefa do coordenador é uma posição na cadeia da Transmissão muito delicada e difícil. Munido de seu Objeto, o coordenador tem melhores condições de seguir com sua importante função, inclusive catalisando as outras modalidades do Processo de Transmissão.

### 3.3 – O. P. e capacidade negativa

A confiança no O. P., assim como o exercício de autoridade que decorre desta confiança aprofunda o processo de objeção (Melo Franco, 1980). O O. P. é tomado como referencial para o manejo com as dificuldades que surgem na prática. A confiança no O. P. é essencial para tolerar o não saber, para suportar o mal-estar das projeções. A obtenção de realizações, a partir desse suportar, gera aquisições de autoridade e maior necessidade de apropriação do O. P. Estas aquisições, que para a identidade psicanalítica funcionam como (re) edificações sobre a personalidade é que vão instrumentando o analista para exercer sua capacidade de ter que *quase improvisar* durante as sessões. Vai auxiliar a gostar de aprender a tolerar o não saber e os estados de angústia durante as sessões viabilizando a função clínica, dando forma à identidade psicanalítica que precisa invariavelmente estar associada ao desenvolvimento da Capacidade Negativa. Para mim, os impasses em análise ocorrem devido à falta dessa capacitação e esta decorre da falta de exercício vivo com seu O. P. (Casseb, 2007).

A partir da experimentação vivenciada da Capacidade Negativa como instrumento do *setting* interno do analista, o aprendiz pode ter *sentimentos* de estar evolutivamente apropriando-se de seu Objeto Psicanalítico, e vice-versa. Sem as frustrações com o Eleito, o risco é confundir, como já foi dito, seu Objeto com o Objeto de seu(s) Eleito(s). Para que isso se processe, as frustrações oriundas das diferenças com o *não* encaixe das Afinidades<sup>23</sup> é que também auxiliam na formação da Capacidade Negativa, pois trazem a possibilidade de vir a pensar fora do espectro dos vínculos (-). Mais solitário, o analista em formação pode vir a dirigir

---

23 “[...] no matrimônio, às vezes, é preciso discutir para se poder ficar sabendo um do outro, principalmente o que precisava ser escondido” Goethe em *As Afinidades Eletivas* (1993, p. 49).

seu olhar e foco para seu mundo *Sinistro, Estranho* ou *Inquietante (Unheimliche)*<sup>24</sup> dependendo da tradução dada ao texto de Freud de 1919. Este Objeto que sofre a invasão do “Inquietante Particular” em um processo que pode ser estimulante e promotor de crescimento, portanto infinito, ou pode determinar um conforto evitativo<sup>25</sup> da prática analítica que logo se torna desestimulante e leva o analista à saturação de sua função. É através da digestão de seus *Inquietantes Particulares* que se forma um dos principais fatores da sustentação da Capacidade Negativa que alicerça a Função Analítica.

### 3.4 O. P. e os algoritmos

Para este *apropriar-se* do Objeto de seu ofício, o analista tem que fazer uso de todo “conhecimento” palatável, principalmente aquele proveniente da história de suas influências originais, de suas crenças primordiais, do seu cabedal em arte e sobre suas decisões↔escolhas (se sociólogo, sobre seu ingresso e *escolha* por sociologia; se médico, com a medicina, etc.).

O universo do conhecimento que engloba experiência e digestão forma uma tríade citada por Bion em sua Grade (algoritmo<sup>26</sup> aplicado à reflexão do trabalho do fazer psicanalítico): oscilações dinâmicas apresentadas em torno de suas memórias que são formuladas de acordo com a complexidade psíquica, ou seja:  $C \Rightarrow D \Rightarrow E$ <sup>27</sup>. Evidentemente quando o Objeto em formação fixa-se nas imagens míticas, ou seja, nos pensamentos *alucinados/sonhados* da relação com o Eleito [C←] haverá tendência à sustentação do conteúdo idealizado para perpetuar as Eleições. Para que isso se sustente, deve prevalecer o funcionamento hipnótico dado pela atmosfera criada pelo Processo Primário (Freud, 1900) compartilhado, ou seja, onde há predomínio de condensações reconstituidoras do ideal perdido e deslocamentos do ideal do ego para um Ideal Grupal, onde o Eleito torna-se o

---

24 Inspirado em Hoffman e seu conto *Sandman*, Freud escreveu: “O inquietante é um desses domínios (âmbito marginal da estética) sem dúvida, relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror, e também está claro que o termo não é usado sempre num sentido bem determinado, de modo que geralmente equivale ao angustiante” (Freud, 1919, p. 329).

25 Neologismo criado em psicopatologia para designar o método *evitativo* de algumas organizações de personalidade.

26 Em matemática e ciência da computação, um algoritmo é um procedimento passo-a-passo para os cálculos de uma função. São utilizados para o processamento de dados que engendram um raciocínio automatizado. Ao usar um algoritmo, construímos um esquema com uma lista finita de instruções bem definidas, capaz de expressar e operar as etapas (cálculos) visando uma função.

27 As letras e números se referem às categorias da Grade de Bion, para maiores detalhes veja Bion (1989) e Bion (1984). O Anexo 1 mostra o esquema algorítmico da Grade.

líder (Freud, 1921). A admiração do candidato se volta ao analista Eleito como o sonhar em Freud se volta ao objeto de desejo, ora gerando miragens do deserto, ora em condições favoráveis [ $\rightarrow D \rightarrow E$ ] podendo vir a ser uma espécie de estrela guia. Pensando por este prisma, a relação com o Objeto Psicanalítico pode ter influência em muitas atividades institucionais. Podem gerar *partidos* políticos aglutinadores de sonhos compartilhados, assim como deflagrar guerras nomeando inimigos onde apenas, do ponto de vista da Transmissão, existem diferenças superáveis e enriquecedoras.

Como vimos acima, a bibliografia sobre o Objeto Psicanalítico também pode resultar em comunicação confusa sobre a essência do Fazer Psicanalítico. Trato alguns textos como expressões dessa perspectiva. Baptista (2000), por exemplo, como mencionei, procurou correlacionar o Objeto Psicanalítico com método e técnica. A partir de Husserl, Cassirer, Merleau-Ponty e Saussure, descreveu o Objeto como “criação da consciência no momento imediato da percepção” (Merleau-Ponty, 1971). Colocou ênfase na trajetória [ $C \leftrightarrow D$ ]? Sugere que se pode utilizar o Objeto como substrato para lidar com a figuração outorgada ao analista pelo paciente. Aponta um momento essencial do trabalho com o Objeto? E neste trabalho contempla o ser do analista?

Utilizando duas situações clínicas hipotéticas, Rezze (1990) afirma que “[...] aquilo que precisa ser percebido, intuído e detectado é o objeto psicanalítico” (p. 40). Quase como um saldo do trabalho, trata este conceito dentro da intersubjetividade necessária para a interlocução entre analista e analisando. Dá a entender que inclui a mente do analista como parte do objeto, põe ênfase no trabalho que o analista tem ao re-criar o objeto em sua mente. Sua ênfase recai na operação funcional dos enunciados em sessão. Assim sendo, o Objeto teria a raiz operatória como sustentação mais que a complexidade da formação do aparelho para pensar? O trabalho escrito de Rezze (1990) resumido não cita, mas poderia conter a seguinte formulação indagativa [ $3 \leftrightarrow 4 \leftrightarrow 5$ ] é o Objeto Psicanalítico? Ou ainda uma citação que o Objeto poderia ser observado apenas nos movimentos da grade [ $\leftarrow \uparrow \rightarrow \downarrow$ ] que compõe o efeito da intervenção psicanalítica no pensar do paciente? Rezze deixa as questões em suspensão.

Braga (1991) buscando entender o Objeto Psicanalítico dentro de uma conjugação mítico-estética para sua extensão nos diz: “[...] tomo como axioma a noção de que sendo o objeto psicanalítico virtual, um ente possível, e realizando-se ele no meio criado pelo encontro de duas mentes, na dimensão do onírico, só nos é possível vislumbrá-lo quando aprisionado na experiência emocional da dupla analítica” (p. 486).

Para Braga, o Objeto Psicanalítico por ser uma apreensão cognitiva só pode ser visualizado *a posteriori*, talvez com o exercício da Grade, como está sendo aqui indagado. Afirma que sua configuração é sempre singular e pessoal, mas será que sua essência prescinde de algo universal dentro do plano epistemológico psicanalítico? Braga enfatiza que há um paralelo entre as metamorfoses e figurações mitológicas, entende que o Objeto Psicanalítico se traveste com facilidade. Será que também se referiu à oscilação dos movimentos na grade? Para ele, o Objeto Psicanalítico anseia por um continente, assim não emerge por vontade do analista, surge a partir de um *setting* que trabalha aspectos transferenciais, com regras de abstinência, capacidade intuitiva do analista e com o auxílio das associações livres do paciente. Braga, desta forma, conclui que na clínica deveríamos utilizar a recomendação de Bion e trabalhar sem memória e sem desejo, e acrescenta: “e sem preocupar-se com o Objeto Psicanalítico” (1991, p. 494). Assinala o risco de o analista estar distante do Objeto e vir a substituí-lo por um “objeto psicoterápico” acessível, carregado de intenção terapêutica e bombardeado com pedidos e súplicas, assim se distanciando do acesso ao “verdadeiramente mental”. Braga estaria se referindo a um vir a ser, mais do que a fazer propaganda do que se queria ser? Mais do que nos preocupar com o Objeto Psicanalítico, deveríamos preocupar-nos em ser analistas? Ao mesmo tempo, não deveríamos deixar que este objeto fosse substituído?

Para ele, o O. P. é uma ocorrência fugaz quando do encontro emocional em sessão. Eu continuo minha hipótese de que este é a expressão vivencial do O. P. que é construído durante a Formação através do Processo de Transmissão.

No decorrer da leitura dos trabalhos sobre Objeto Psicanalítico, fica claro que quem escreve o faz incluindo a transdisciplinaridade. Ao escrever sobre este tema, invariavelmente expressamos nossas Afinidades e nossas Eleições. Mais que seu modo de trabalhar, estes relatos espelham as origens das Afinidades. Falando de outro modo, inclui invariavelmente a importância da subjetivação [C]; do que está por ser descoberto [D] e da busca por tornar factível enquanto relação no mundo comum [E]. Em *O Eleito*, Mann coloca seu herói Gregorius expiando suas culpas indevidas, promovendo um ato potencialmente de autoexílio por outros 17 anos em uma rocha sobre o mar, considerando-se que o menino encontrado em um barril viveu seus primeiros 17 anos no mosteiro tornando-se o Eleito para vir a ser Papa, exatamente pelo seu histórico heroico de fé e servidão. Assumindo a vergonha e o sofrimento que não promoveu, mas que proporcionou a imersão na sua expiação e assim resultou em sua bagagem para vir a ser um Papa voltado às circunstâncias das pessoas naquele momento histórico e não

ao *establishment* da igreja, ou seja, de ter identidade própria. Deste modo, Mann chama nossa atenção para o eixo das crenças, a importância da filiação e inclusão em grupo como elementos indispensáveis da constituição da identidade, que no modelo de sua ficção é alcançada a custo de expiação solitária.

Extraindo o seguimento da grade  $[C \leftrightarrow D \leftrightarrow E]$  podemos enfatizar o grau de complexidade do pensamento que se está trabalhando em função da vitalidade e interesse em vir a viver consigo e com o outro. Podemos fazer uma especulação com outro algoritmo  $[f \leftrightarrow G \leftrightarrow H]$  que me parece indicar uma direção que foge a clínica, mas não a capacidade de complexidade do pensar humano, e assim Bion explicita que o Objeto Psicanalítico deve estar limitado à Clínica.

### 3.5 O. P. e a validação das aquisições oriundas do Processo de Transmissão

A Função Analítica em contínuo desenvolvimento é constituída por diversos fatores em constante mutação. Alguns grupos europeus ligados à EPF (*European Psychoanalytical Federation*) e liderados por Haydée Fainberg, preocupados com a qualidade da Clínica Psicanalítica, procuraram criar instrumentos que pudessem auxiliar o psicanalista clínico a exercitar e a ampliar suas aproximações com o Objeto Psicanalítico. Montaram uma espécie de grade com dois eixos centrais e com premissas simples, porém vinculadas à Experiência Clínica, ou seja, simples para a compreensão racional, e extremamente complexas quanto ao uso clínico. Denominaram de *Working Party* à reunião de colegas que visa a esmiuçar o trabalho clínico. Esta *grade*, uma outra forma de algoritmo, é aplicada às intervenções que um analista desconhecido apresenta em uma transcrição de seu trabalho clínico. Os colegas, ao discutirem as intervenções, sem a participação direta do analista que formulou as intervenções, formulam uma reflexão sobre o movimento do analista. Essa reflexão passa por uma categorização da intervenção segundo a complexidade de sua abrangência. O grupo dos analistas, exceto o apresentador, irá validar a categorização. Estuda-se a Situação Analítica como proposta, mas se busca principalmente quais as bases que orientam o funcionamento psíquico do analista que formula as intervenções, ou seja, qual a funcionalidade de seu Objeto Psicanalítico. Mais do que evidenciar as Afinidades e as Eleições que o analista fez, evidenciam-se, portanto, a *efetividade de suas intervenções, a coerência sintônica com o paciente e o acompanhamento processual das intervenções durante a sessão*.

Considerando as sessões apresentadas em um segundo momento, vão-se buscar as bases do pensamento daquele analista, e neste momento indicam-se suas Eleições e Afinidades. Ao apresentar-se com seu material clínico, o analista ofe-

rece-se para um exame apurado e consistente de seu fazer em planos diferentes. O grupo (*working party*) o auxilia a situar-se melhor, mas auxilia imensamente os participantes a observarem seu próprio Objeto Psicanalítico em operação interativa com a situação clínica. Um exercício, sem dúvida, muito enriquecedor.

O aprendiz de feiticeiro edifica Funções novas e complexas sobre a personalidade preexistente, deve abandonar seu apetite por *feitiços*. Agrega fatores necessários para a Função Analítica e precisa reciclar-se, sustentando a possibilidade de análises que logram êxito analítico. Assim, estaremos dando uma resposta efetiva à *crise* da psicanálise.

Encontro no modelo do *Working Party* uma possibilidade de restituição assistida para o desânimo proveniente dos terremotos ou enchentes que abalam as Edificações das instituições psicanalíticas. Esse modelo precisa ser considerado nos processos de educação continuada, mas requer alterações e adaptações à cultura psicanalítica onde está sendo aplicado, caso contrário, perde-se muito ao outorgar-nos o modelo europeu que o criou. Pode ser um instrumento para qualificar membros em ascensão institucional, ou ainda estudar o andamento dos processos de supervisão como sugeri em um simpósio sobre a reforma do modelo de supervisão promovido pela direção da APA (Associação Psicanalítica Argentina) no último congresso da Fepal em Buenos Aires 2014. Sabemos que o Processo de Transmissão é interminável, em parte porque a Função Clínica está sempre em desenvolvimento.

### **Psychoanalytical transmission: (re) building the personality**

**Abstracts:** This essay intend to demonstrate the importance of the Psychoanalytical Object in the Process that constitutes de Psychoanalytical Identity. From issues that are part of the experience of the author, make themes emerge concerning the inner constitution of the identity more than discussing the model of training. This paper discuss some ideas that took place in São Paulo's Brazilian Society of Psychoanalysis published 1990 about different perspectives on Psychoanalytical Object. Investigating psyche tendencies the author uses Goethe's points on "Electives Affinities" and Mann's on "The holy sinner" to observe factor that influence the choice/decision on the adoption of an Object. The text comes to propose continues evaluation as a re-energizing act for the Clinical Function, understood as the essence of the Psychoanalytical Object, raising the question that a "Psychoanalytical Political Man" is the psychoanalyst that strongly works on transmission through also with care on the establishment of the Psychoanalytical Object. Concerning the differences between the "witch's apprentice" and "learning to do spells".

**Keywords:** Analyst's inner world. Psychoanalytical object. Psychoanalytical training.

## Referências

- Aulagnier, P., & Berliner, C. (1992). *O aprendiz de historiador e o mestre feiticeiro: do discurso edificante ao discurso delirante*. São Paulo: Ed. Escuta.
- Baptista, M. L. A. (2000). O método psicanalítico e o objeto da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 34 (1): 11-130.
- Benacerraf, P. (1973). *Mathematical truth*. Disponível em: <[www.jstor.org/discover/10.2307/2025075?sid=21105668283353&uid=4&uid=2&uid=3737664](http://www.jstor.org/discover/10.2307/2025075?sid=21105668283353&uid=4&uid=2&uid=3737664)>.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Maresfield, 1984.
- \_\_\_\_\_. (1963). *Elements of psychoanalysis*. London: Maresfield, 1984.
- \_\_\_\_\_. (1965). *Transformations*. London: Maresfield, 1984.
- \_\_\_\_\_. (1991). *A memoir of the future*. London & New York: Karnac Books.
- Braga, J. C. (1991). À procura do objeto psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 25 (3): 485-496.
- Briton, R. (1991). *Análise complacente*. Trabalho apresentado em reunião científica na SBPSP.
- Casseb A. R. (1999). *Solidão na adolescência: apreciações psicanalíticas*. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPSP.
- \_\_\_\_\_. (2006). Sobre o processo de transmissão psicanalítica em um relatório de candidato do Instituto “Durval Marcondes” da SBPSP: Investigação Qualitativa. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70): 177-197.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Impasse e capacidade negativa*. Trabalho apresentado no Congresso ABP. Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. (2014). Crise? Lise da Psicanálise? Trabalho apresentado em reunião clínica da SBPSP.
- Eigen, M. (2004). *The sensitive self*. Wesleyan University Press: Middletown.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. (1977). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1900). Interpretação dos sonhos. *Edição standard das obras completas* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. (1914). Introdução ao narcisismo. *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1919). O inquietante. *Obras completas* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1921). Psicologia de massas e análise do eu. *Obras completas* (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (1937). Construções em análise. *Edição standard das obras completas* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969.

Goethe, W. (1993). *Afnidades eletivas*. São Paulo: Editora Nova Alexandria.

Grotstein, J. (2006). O sétimo servo: implicações de uma pulsão para a verdade na teoria de “O” de Bion. *Livro Anual de Psicanálise*, 20: 211-228.

Hermann, F. (1990). Conceituação do objeto psicanalítico. *Jornal de Psicanálise*, 23 (46): 55-60.

Kenberg, O. (1996). Trinta métodos para destruir a criatividade dos candidatos a Psicanalistas. *Livro Anual de Psicanálise* 12, 151-160.

Lumet, Sidney. (1995). *Film maker*. Charlie Rose television interview. PBS

Mann, Thomas. (1972). *O eleito*. Lisboa: Portugalia Editora.

Mattos, J. A. J. (1995). *Do soma para o psíquico*. Em busca do objeto psicanalítico. Anais do XV Congresso Brasileiro Psicanálise. Recife.

Melo Franco Filho, O. (1980). E o rei está nu: reflexões sobre a neutralidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 14 (1): 67-86.

Orwell, G. (2014). *Nineteen eight four Susan*. New York: Brawrtey Press.

Rezze, J. C. (1990). Minha experiência clínica na apreensão do objeto psicanalítico. *Jornal de Psicanálise*, 23 (46): 55-60.

Thoreau, Henry David. (1859). *Quotationary*. Random House Webster's. New York: Leonard Roy Frank Ed., 2000.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 08/08/ 2016

Aceito em: 26/09/2016

ALCEU ROBERTO CASSEB  
Rua Dr. Alceu de Campo Rodrigues, 229 / 601  
04544-000 São Paulo – SP – Brasil  
e-mail: arcasseb@gmail.com